

O Castro dos Ratinhos (Barragem de Alqueva, Moura)

da descoberta em meados do Século XX,
à valorização científica e patrimonial no início do Século XXI

António Carlos Silva⁺
Luís Berrocal-Rangel⁺⁺

1. A identificação do Castro dos Ratinhos

Um sítio arqueológico, para além da realidade física das estruturas e demais vestígios materiais que o constituem é também, e sobretudo, uma contínua construção intelectual dos arqueólogos que o reconhecem e investigam, construção determinada pela respectiva formação, conhecimentos e experiência. A própria descoberta e identificação fica desde logo assinalada pelo acto primordial do reconhecimento e interpretação dos indícios ou contextos que denunciam o interesse arqueológico ao seu eventual achador. Seguir-se-á, se for caso disso, o longo percurso da recolha, registo, interpretação e divulgação dos dados arqueológicos, processo complexo, fortemente condicionado por factores objectivos e subjectivos que irão configurar múltiplas e sucessivas leituras do lugar e do seu contexto. Por estes motivos, a identidade de um sítio arqueológico acaba por ficar profun-

damente marcada pelas circunstâncias que envolveram a sua descoberta ou que foram facilitando em cada momento o seu estudo, circunstâncias que, a par dos dados materiais e contextuais recolhidos e interpretados, importa também ir registando como informação valiosa que faz parte da memória do próprio sítio.

No caso concreto do sítio arqueológico hoje conhecido pelo nome de “CASTRO DOS RATINHOS”, a primeira notícia publicada que directamente se lhe refere, ainda que sob outro topónimo (“*Os Castelos do Barranco do Inferno*”- *Jornal de Moura*, 15 de Abril de 1944) deve-se ao mouranense António Duarte, na sequência de uma primeira visita de reconhecimento efectuada em Maio de 1943. No entanto, o grande divulgador deste sítio, como da arqueologia de Moura em geral, viria a ser José Fragoso de Lima, à época recém-licen-

⁺ IPPAR - Direcção Regional da Cultura do Alentejo
⁺⁺ UAM

ciado em Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa onde fora aluno de Manuel Heleno e sob cuja orientação iniciava então (1943) a “exploração” do “Castro da Azougada”, também recentemente identificado. Com efeito, Fragoso de Lima liderava um grupo local de entusiastas da “Arqueologia” do qual fazia parte António Duarte, (nas suas próprias palavras e marcando algum distanciamento “*um amigo do Museu [de Moura] e conceituado desenhador...*”) e deixará transparecer evidente desagrado pela antecipação deste, num conjunto de artigos que publica no Jornal de Moura entre Junho e Agosto de 44¹. Nesses textos revela que falhara aquela primeira visita aos Ratinhos por razões de saúde da sua própria mãe, mas que escassos dias antes de António Duarte publicar a notícia referida, visitara o Castro (1 de Abril de 1944) juntamente com João da Mouca e Joaquim Correia. Em face de tão inoportuna “coincidência”, num tom claramente agastado, Fragoso de Lima minimiza o valor da “descoberta” do colega, recordando que já na sua tese de licenciatura², cruzando a toponímia com a geografia, levantara a hipótese da existência deste Castro. Chega mesmo a propor que a “titularidade” do achado pertenceria a um terceiro indivíduo, o médico de Reguengos de Monsaraz, Pires Gonçalves, uma vez que em conversa havida em Agosto de 1943 este lhe mencionara a existência de um Castro nos Pardieiros. E conclui: “*estou convencido que o ilustre médico teve conhecimento, primeiro do que eu e do que todos os “Amigos do Museu” de Moura, da existência do Castro dos Ratinhos, embora lá não pudesse ter ido.*” E para confirmar tal suposição escreve mesmo a Pires Gonçalves que lhe responde em Maio de 1944, mostrando de facto que se apercebera, à distância, da existência duma possível fortificação antiga: “*Quem já alguma vez tenha visitado o Castelo dos Pardieiros e alongado o olhar pela falda do Norte dum dos cerros dos Ratinhos, na outra margem do Guadiana, não deixará certamente de notar o desenvolvimento de uma obra defensiva que, vista de perfil, toma aspectos de plataforma ou banquetta a que não parece difícil, naquela posição estratégica e perante a existência do castelo dos Pardieiros, atribuir um significado puramente militar. O meu conhecimento do Castelo dos Ratinhos deriva pois da informação toponímica que me foi dado obter em Fevereiro de 1943, logo seguida de visita aos Pardieiros e da observação à distância de muralha defensiva que corre ao longo da falda do Norte dum dos mamelões dos Ratinhos onde se implanta um dos circuitos do Castro...*” (op.cit. pg.273)

Tais episódios, ainda que algo anedóticos, complementados por uma comunicação que Fragoso de Lima teria enviado

poucos dias depois da sua primeira visita (8 de Abril de 1944) e ainda antes da saída da notícia de A.Duarte, ao “Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia”³ são reflexo da mentalidade que contaminou durante muito tempo a Arqueologia portuguesa e que tendia a confundir aquilo que hoje chamamos de “propriedade intelectual” ou “direitos de autoria”, com “propriedade perpétua” sobre os sítios arqueológicos “descobertos”. Em todo o caso, é justo realçar que Fragoso Lima, na condução dos processos de divulgação dos sítios arqueológicos que identifica em Moura, revela um sentido profissional pouco comum ao tempo e que só não viria a confirmar-se plenamente, porque de facto não havia ainda espaço e condições para uma “arqueologia profissional” em Portugal.⁴ No caso do Castro dos Ratinhos e apesar da brevidade da sua primeira visita, Fragoso de Lima traça desde logo uma rigorosa síntese dos principais aspectos observados, concluindo estar perante um sítio arqueológico de excepcional importância. A descrição topográfica mostra uma razoável percepção da sua real extensão, bem como dos respectivos limites, definidos pelas linhas de água que o envolvem, a Norte e a Sul. É igualmente recolhida toda a informação “onomástica” do local, que era conhecido como “Castelos”, “Castelinhos”, “Castelos dos Ratinhos” ou mais usualmente “Outeiro dos Castelos”. A insistência na forma “plural” é explicada por Fragoso de Lima pela notória presença de diferentes plataformas, assinalando ainda que na freguesia de Alqueva, na margem oposta do Guadiana, o sítio arqueológico era também conhecido como “Castelos dos Ratinhos”, “Castelos do outro lado”, ou mesmo “Forte do outro lado”. Facto curioso e que Fragoso de Lima teria já registado na sua tese, os camponeses de ambas as margens do Guadiana, referiam-se aos vizinhos Castros dos Ratinhos e dos Pardieiros, que controlavam o vau do “Porto de Évora”, como “Castelos do Guadiana” (ou popularmente “Castelos da Gudiana”). Mas é na descrição arqueológica propriamente dita que Fragoso de Lima demonstra especial perspicácia. Reconhece a inusitada dimensão do “castro”, só comparável na região aos próprios “Pardieiros” e avança com uma detalhada descrição das muralhas que vale a pena transcrever, até porque os trabalhos arqueológicos recentes a vieram confirmar plenamente: “*Distinguem-se ainda com nitidez, duas ordens de muralhas e aterros e em certos pontos não resta dúvida de que houve três. As muralhas eram formadas de pedra sobre pedra, sem argamassa, estendiam-se por todo o outeiro e contornavam os cabeços, especialmente o mais alto, que se levantava como uma acrópole da vetusta povoação fortificada. Por qualquer dos lados se nos afigura quá-*

1 - Artigos reeditados em 1981, por João da Mouca, sob o título “Monumentos Arqueológicos de Entre Ardila e Guadiana”, no livro *Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura* (pgs 253-288).

2 - Dedicada à “Arqueologia” do concelho de Moura.

3 - Instituição tutelada Manuel Heleno que tinha a sua sede no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e que, de algum modo fazia de contraponto à Associação dos Arqueólogos Portugueses, com sede nas Ruínas do Carmo, tutelada à época pela figura de Afonso do Paço. Por sua vez são conhecidas as relações difíceis entre estas figuras “tutelares”.

4 - Apesar do envolvimento entre 1943 e 1953 nas “escavações” da Azougada (com interrupção entre 48 e 51), trabalho que certamente seria feito nas férias escolares, JFL é antes de mais professor liceal. A sua nomeação para o lugar de leitor de “Português” em 1953 na Universidade de Santiago de Compostela, a que se segue em 1957 a Universidade de Barcelona, afasta-o definitivamente da arqueologia de campo.

si inexpugnável, principalmente da parte do Guadiana, cuja encosta é íngreme e alcantilada. A falda do Norte tinha como defesa, além das muralhas e inclinação do terreno, o regatão mencionado anteriormente. A disposição das muralhas e aproveitamento até das mais pequenas condições estratégicas, aliadas às dimensões da estação, demonstram que a construção da fortaleza obedeceu a um plano inicial concebido durante tempo com provisões, raciocínios vários e dados de experiência militar daquelas épocas. Nisto supera a nosso ver, qualquer outro castro da região...” (op. cit. pg. 261). Fragoso Lima prossegue depois a descrição com comentários pertinentes sobre a localização estratégica do Castro e o seu domínio visual (Serra Alta e Castelo de Moura) ainda que sem arriscar qualquer atribuição cronológica precisa. Conclui, no entanto, da análise dos raros materiais cerâmicos recolhidos e onde reconhece fabrico manual e a torno, estar perante uma ocupação pré-romana, admitindo a sua contemporaneidade com o Castro da Azougada (“Fragmentos de barro vermelho e apretado. O fabrico é muito grosseiro e lembra o dos vasos de aspecto mais rústico da Azougada” op. cit. pg. 266). Regista também a abundância, à superfície, de percutores líticos bem como de elementos de mós manuais (realidade efectiva que hoje começamos a interpretar como resultado de intensa actividade metalúrgica), bem como a presença de barro cozido com marcas de hastes de madeira, normalmente conhecido como “barro de cabana”, um dado que só recentemente foi observado em escavação.

Apesar de logo na primeira visita Fragoso de Lima ter declarado a intenção de proceder a sondagens nos Ratinhos, o seu prévio envolvimento na “exploração” da Azougada, sítio cuja qualidade dos materiais descobertos acabaria por escamotear as graves deficiências da sua “exploração” arqueológica⁵, acabaria por inviabilizar tal projecto. Em 1960, já afastado da arqueologia de campo, os Ratinhos cruzam-se de novo com Fragoso de Lima, mais uma vez, por interposta pessoa, no caso Wanda Rodrigues e Rodrigues, uma estudante sua conterrânea, também aluna de Manuel Heleno. Com efeito, no âmbito da preparação da respectiva tese de licenciatura, aquela estudante viria de facto a realizar no Verão de 60 alguns trabalhos no Castro dos Ratinhos em circunstâncias que só muito recentemente nos foi possível registar, graças ao seu próprio testemunho⁶. Curiosamente, é através de Afonso do Paço, à época Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que Wanda Rodrigues toma conhecimento da existência do Castro dos Ratinhos,

durante uma visita de estudo à sede da Associação, no Museu do Carmo. Afonso do Paço, ao saber que a jovem estudante era de Moura e procurava tema para a “tese”, não tem dificuldade em convencê-la a estudar o Castro dos Ratinhos. De facto, Afonso do Paço colaborava na altura com Pires Gonçalves na zona de Reguengos de Monsaraz e Mourão e deveria estar a par do potencial dos Ratinhos. Tão inopinada sugestão, feita para mais a uma inexperiente aluna de Manuel Heleno, seria tudo menos inocente, sobretudo tendo em conta as difíceis relações entre ambos, duas velhas “raposas” da Arqueologia portuguesa. Wanda Rodrigues, sem a mínima suspeita do eventual “segundo sentido” da proposta, acolhe a sugestão e após uma primeira visita ao Castro no Inverno de 1959-60, acompanhada por Manuel Farinha dos Santos, assistente e colaborador muito próximo de Heleno, decide aí proceder a escavações, às suas próprias custas. Estas, tuteladas por Farinha dos Santos que entretanto, na expressão da própria Wanda Rodrigues, “registara” o sítio arqueológico⁷, têm lugar no próprio Verão de 1960 e constaram, segundo a sua descrição, de um conjunto de pequenas “valas” abertas por trabalhadores rurais, na plataforma mais elevada, recolhendo as cerâmicas e anotando a respectiva profundidade. Wanda Rodrigues viria a apresentar a respectiva tese à Faculdade de Letras, em cuja Biblioteca, porém, não se encontra actualmente qualquer exemplar⁸ e depositou alguns materiais no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, instituição onde chegou a ser convidada para colaborar mas cujo “ambiente”, segundo nos confessou, lhe não terá agradado⁹. Em todo o caso, facilitaria os dados obtidos, em particular os que diziam respeito às “cerâmicas de ornatos brunidos”, a José Fragoso de Lima que, com a sua autorização, publica quase de seguida um artigo na conceituada revista *Zephyrus* (Lima, 1960) de Salamanca, proporcionando deste modo o reconhecimento internacional do Castro dos Ratinhos.

Com o auto-afastamento de Wanda Rodrigues e apesar da importância dos achados, o Castro dos Ratinhos cai de novo no esquecimento. Manuel Heleno dispersava a sua atenção por muitos outros projectos. Farinha dos Santos inclinava-se mais para a Pré-história Antiga, facto que se confirmaria com o com o seu envolvimento no estudo da Gruta do Escoural, descoberta pouco tempo depois (1963). Assim, só em 1970, por coincidência no ano da morte de Manuel Heleno, se declararia nova intenção de escavações no Castro dos Ratinhos, protagonizada por Eduardo da Cunha Serrão, membro

5 - Ana Sofia Antunes, no âmbito da sua tese de Mestrado (Antunes, 2005) teve oportunidade de especificar melhor as deficiências dos trabalhos de campo da Azougada, que seguiram o “modelo” da generalidade das escavações tuteladas por Manuel Heleno e que este acompanhava quase sempre “à distância”...

6 - visita ao Castro dos Ratinhos efectuada em 10 de Novembro de 2005 e acompanhada por um dos autores (ACS).

7 - Ainda que nos arquivos da JNE, não apareçam quaisquer registos, o que não é de estranhar, já que sendo a respectiva “subsecção de arqueologia” presidida por Manuel Heleno, este deveria dispensar-se a si e aos seus colaboradores dos procedimentos legais já então previstos na lei. Farinha dos Santos não terá participado directamente nas “escavações” que seriam conduzidas no terreno por Wanda Rodrigues.

8 - Segundo informação de Santiago Macias que fez pesquisas nesse sentido. W.R., tão pouco, conserva cópia da mesma.

9 - Wanda Rodrigues, viria a iniciar a sua carreira como professora no Liceu de Moura entre 1961 e 65, afastando-se definitivamente da Arqueologia, meio onde ainda privou com colegas da sua geração como Maria Amélia Horta Pereira, Irisalva Moita ou Maria Luisa Estácio da Veiga. Em 1965 parte para Moçambique de onde só regressa em 1976 para se fixar em Setúbal. Conserva ainda na sua posse alguns registos e alguns materiais das “escavações” de 1960, nomeadamente cerâmicas brunidas e duas pontas de lança em bronze que projecta vir a oferecer ao Museu Municipal de Moura.

proeminente da direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Com efeito, nas escavações da Lapa do Fumo em 1956, Cunha Serrão identificara pela primeira vez em território português, cerâmicas com “ornatos brunidos” dando notícia da descoberta logo em 1958 na revista *Zephyrus* (Serrão, 1958). Dadas as suas relações com Afonso do Paço e Pires Gonçalves através da AAP, deverá ter tido notícia indirecta dos trabalhos de Wanda Rodrigues mas seria certamente, através do artigo de Fragoso de Lima de 1960, que se terá apercebido da importância dos Ratinhos para o esclarecimento da origem e da cronologia daquelas cerâmicas. Por outro lado, conforme testemunho de Teresa Gamito, Manuel Heleno sabendo daquele interesse de Cunha Serrão, chegou a mostrar-lhe as cerâmicas dos Ratinhos depositadas no MNAE, mas sem identificar a sua origem, numa atitude que podemos interpretar de clara “marcação territorial”¹⁰. Dados os antecedentes e circunstâncias, vale a pena transcrever integralmente, o requerimento enviado por Cunha Serrão em 5 de janeiro de 1970, ao Ministro da Educação Nacional, solicitando autorização para escavar no Castro dos Ratinhos e referir, porque algum significado deverá ter, o facto do requerimento ter ficado sem resposta durante seis meses. De facto, Cunha Serrão que recebera quase de imediato um cartão manuscrito pelo próprio Ministro, José Hermano Saraiva, em que este agradecia as publicações anexas ao “requerimento” e informava ter remetido o assunto “à atenção do serviço competente”, vê-se na contingência de, na ausência de resposta, a enviar segunda via do pedido em 17 de Julho de 1970, acompanhada da cópia do cartão do próprio Ministro que ainda hoje consta do processo. Finalmente em 22 de Agosto de 1970, em parecer da 1ª sub-secção da 2ª Secção da Junta Nacional da Educação, assinado por Fernando de Almeida, sucessor de Manuel Heleno no Museu de Arqueologia e na Cadeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Cunha Serrão seria autorizado a escavar no Castro dos Ratinhos.

(Requerimento de Eduardo da Cunha Serrão de 5 de Janeiro de 1970)

“Senhor Ministro da Educação Nacional

Excelência

Eduardo José de Miranda da Cunha Serrão. Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, tem realizado entre outros, vários estudos relativos a uma espécie cerâmica decorada com “ornatos brunidos” que pela primeira vez se evidenciou em Portugal em 1956 durante a exploração da Lapa do Fumo (Sesimbra) – estação que detectou e tem explorado- e, pouco depois, no Castro dos Ratinhos (Moura). Uma possível variante desta cerâmica era conhecida em Espanha e havida sido recolhida em Carmona e Mesas de Asta. Quase na mesma altura em que foram exumados os exemplares da Lapa do Fumo, apareceu em grande quanti-

dade na estação de El Carambolo (Sevilha), acompanhando o célebre tesouro considerado tartéssico, constituído por placas, braceletes e um colar, de ouro, peças de grande valor arqueológico e intrínseco, e de grande beleza.

A datação pelo método estratigráfico desta cerâmica andaluzia tem ocupado alguns arqueólogos espanhóis (Prof. J. de Mata Carriazo, Maluquer de Motes, J. Pedro Garrido, J.M. Blásquez, etc.), para o que realizaram várias e metódicas escavações, sendo possível colocá-la entre os séculos IX e IV a. C.

À variante portuguesa tem-se dedicado, com particular atenção, o signatário que, pelos dados estratigráficos da Lapa do Fumo, a considera pós-campaniforme, contemporânea dos recipientes da fase final do Bronze e imediatamente anterior às primeiras cerâmicas fabricadas com torno rápido.

Em Setembro p.p., o signatário deslocou-se a Sevilha, Carmona e Jerez de la Frontera, para avaliar o grau de paralelismo entre as duas variantes (se já podemos considerá-las como variantes, pois podem não passar de sub-tipos de um tipo ainda mal identificado), tendo colhido elementos que lhe permitiram apresentar uma comunicação sobre o assunto nas Jornadas Arqueológicas promovidas em Novembro p.p., pela Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Mas, o problema que mais interessa agora é, à semelhança do que se tem feito em Espanha, obter dados sobre cronologia noutras estações do nosso território para os comparar com os da Lapa do Fumo e integrar no admissível quadro cultural respectivo, cuja área geográfica parece ser Portugal ao Sul do Tejo e a Andaluzia.

*Ora o signatário está convencido de que o Castro dos Ratinhos (Moura), poderá ser a estação portuguesa que, depois da Lapa do Fumo, melhores esclarecimentos prestará a tal respeito, não só fundamentado nas sumárias descrições feitas pelo Dr. Fragoso de Lima (*Zephyrus*, 1960), mas também nas informações que amavelmente lhe prestou o Senhor Dr. Manuel Farinha dos Santos. Este último informou-o, ainda, de que em tempos, a exploração do Castro dos Ratinhos lhe foi entregue e que concedeu facilidades à licenciada Exm^a Senhora D. Vanda Rodrigues para, sobre as respectivas cerâmicas com “ornatos brunidos”, elaborar a sua dissertação de licenciatura. Porém, tal dissertação não chegou a ser apresentada e a Senhora Vanda Rodrigues (que não se encontra presentemente na Metrópole) limitou-se a fornecer ao Sr. Dr. Fragoso de Lima os elementos que lhe permitiram o referido estudo sumário que publicou na *Zephyrus*.*

Conhecedor destes factos, o signatário ofereceu ao Sr. Dr. M. Farinha dos Santos a sua colaboração para trabalhar no Castro dos Ratinhos, tendo obtido como resposta que o poderia fazer individualmente, dados os muitos trabalhos arqueológicos em que o Dr. M. Farinha dos Santos se encontra comprometido presentemente.

Uma vez que os problemas com das cerâmicas com “ornatos

10 - Teresa Gamito refere que Eduardo Cunha Serrão lhe contara que por volta de 1970, no decorrer de uma visita efectuada anos antes ao Museu Nacional de Arqueologia, “Manuel Heleno lhe havia mostrado uma série de fragmentos de cerâmica de ornatos brunidos provenientes de um “castro” da região de Moura que guardava ciosamente numa gaveta da sua secretária” (Gamito, 1990)

brunidos” do nosso território assumem apreciável importância e se os quisermos solucionar ao nível peninsular do qual não se pode desintegrar, conviria não protelar o estudo das estações conhecidas que, para tal efeito, melhor se prestam.

Portanto, o signatário solicita de V.Ex.^a se digne autorizá-lo a efectuar sondagens e escavações no Castro dos Ratinhos com o objectivo de confrontar os resultados que obtiver com os da Lapa do Fumo e com os elementos que, na Andaluzia, lhe foram prestados pelo Prof. Mata Carriazo Manuel Esteves Guerrero e Dr. H. Schubart.

Como plano de trabalhos, de momento, apenas pode declarar que pretende:

1º - Examinar, com a devida atenção, o Castro dos Ratinhos (que ainda não conhece), para poder avaliar a sua estrutura geral e quais os locais onde poderá realizar prospeções e explorações;

2º - Concretizado o que acaba de expor, proceder a uma exploração na zona que lhe parecer mais prometedora de bons resultados;

3º - Na exploração que efectuar, colocará em primeiro plano a obtenção de dados estratigráficos que lhe permitam obter uma cronologia relativa para a cerâmica “com ornatos brunidos” do Castro dos Ratinhos, estação esta que, pela sua posição geográfica (próximo da fronteira), deve fornecer elementos que estabelecem a relação entre as variantes portuguesa e andaluza.

4º - De todos os resultados obtidos, dará conhecimento a V.Ex.^a em relatórios circunstanciados a elaborar oportunamente.

5º - Todo o material que vier a ser recolhido será entregue, devidamente inventariado, ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, ou à instituição que Vossa Excelência, no seu alto critério, se dignar determinar.

Quanto ao seu curriculum, o signatário permite-se remeter V.Ex.^a para os elementos que, a tal respeito, acompanharam outros pedidos de exploração que apresentou (da Lapa do Fumo, por exemplo) e acrescentar que, presentemente, desempenha as seguintes funções todas relativas à investigação arqueológica: Director do Museu Arqueológico Municipal de Sesimbra; Delegado da Junta de Educação Nacional da Educação no Concelho de Sesimbra; Presidente da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Mas, se Vossa Excelência, assim o desejar

apresentará uma relação de todos os estudos que, até hoje, publicou individualmente ou de colaboração com outros arqueólogos. Apenas junta, agora, os dois que mais interessam ao caso.

Submeto o assunto à apreciação de Vossa Excelência, aguardo o favor de uma resposta e apresento cumprimentos de elevada consideração.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1970

Eduardo da Cunha Serrão”

Cunha Serrão, no entanto, nunca chegaria a tirar partido daquela autorização. Antes de mais por falta dos meios e condições adequadas a uma intervenção num sítio, então completamente isolado e praticamente sem acessos¹¹. Por outro lado, porque um ano depois, era “arrastado” por um grupo de jovens aspirantes a arqueólogos que apadrinhava, para a aventura de estudo e salvamento da “Arte Rupestre do Vale do Tejo”, cujos primeiros núcleos foram descobertos em Fratel, Vila Velha de Ródão, em Outubro de 1971¹². O Castro dos Ratinhos, apesar de algumas citações ocasionais, especialmente de autores estrangeiros (Schubart, 1971, 1975; Frankenstein, 1997; Coffyn, 1985) e de uma ou outra visita de arqueólogos ou mesmo de “pesquisadores de tesouros”¹³, entraria em novo período de olvido. Em todo o caso o seu prévio reconhecimento e os ecos das diversas referências entretanto feitas, permitiu que passasse quase incólume às grandes transformações verificadas na sua envolvente quando em 1976, se iniciaram os trabalhos preparatórios para a construção da Barragem do Alqueva, com o desvio do curso do Guadiana e a construção das respectivas enscadeiras.¹⁴

Em 1981, no âmbito dos trabalhos de inventariação e reorganização das colecções do Museu Nacional de Arqueologia promovido pela direcção de Francisco Alves, um dos colaboradores nessa tarefa, João Ludgero, reencontrou as cerâmicas do Castro dos Ratinhos que Manuel Heleno tão ciosamente guardava na sua secretária, fazendo chegar essa informação a Teresa Gamito e José Morais Arnaud. No âmbito de preparação da respectiva tese de Doutoramento, Teresa Gamito interessava-se então pelos castros da Idade do Ferro na envolvente do Guadiana, enquanto José Morais Arnaud, encontrara cerâmicas semelhantes em sondagens realizadas em meados dos anos setenta na *Corôa do Frade*, um grande povoado do Final da Idade do Bronze situado nos

11 - Como a generalidade dos arqueólogos da altura, ECS tinha outra profissão (economista) e a Arqueologia, apesar da sua exemplar competência e seriedade, era realizada nos tempos roubados ao descanso e por isso, preferencialmente focalizada na envolvente dos locais de residência ou de trabalho. Por outro lado, não existia ainda a infra-estrutura rodoviária relacionada com a Barragem do Alqueva.

12 - Um dos autores (ACS) enquanto colaborador naquele projecto, foi testemunha directa do desinteressado e generoso envolvimento de Eduardo Cunha Serrão.

13 - Para além de ténues vestígios na “acrópole” relacionados com os trabalhos de Wanda Rodrigues, os Ratinhos apresentam ainda alguns sinais de sondagens (?) de autoria “incógnita”, para além de diversas marcas de actividade prospectiva ilegal (“detectores de metais”). Não é por isso de excluir que os metais publicados por João Cardoso, uma ponta de lança e dois contos do Bronze Final, adquiridos por terceiros num antiquário e Setúbal e atribuídos a um “achado ocasional” na zona da Barragem do Alqueva, sejam de facto produto de actividade de pesquisa ilegal efectuada no próprio Castro dos Ratinhos (Cardoso et alii, 1992).

14 - Na época, não havia ainda nem enquadramento legal nem prática dos “estudos de impacte ambiental” e temos informações de que esteve prevista a construção de um grande depósito de água no topo do Castro. Felizmente, o reconhecimento prévio desta estação arqueológica, permitiu que aquela infra-estrutura viesse a localizar-se num cabeço mais afastado. Apenas, em data que não podemos precisar, viria a ser “cortada” uma das linhas de muralha, na encosta Poente, para abertura de um estradão e instalação de uma antena.

arredores de Évora (Arnaud, 1979). Justificando o especial interesse por este tipo de cerâmicas bem como sobre o sítio da sua origem, Teresa Gamito viria a dedicar-lhes alguns anos depois um estudo específico que publicaria na revista do Museu, *O Arqueólogo Português* (Gamito, 1990-92). Nesse trabalho, depois de destacar o papel de Cunha Serrão na identificação das cerâmicas de ornatos brunidos e de traçar o estado da questão no que respeita ao Sudoeste Peninsular, Teresa Gamito propõe uma original e pertinente relação entre os padrões geométricos dos respectivos motivos decorativos e a decoração dos “torques” de ouro maciço, peças de ourivesaria características do Bronze Final do Sudoeste Peninsular. Ainda que o objectivo daquele trabalho estivesse especialmente centrado nesta cerâmica, a Teresa Gamito que procedera com José Arnaud a um reconhecimento prévio de contextualização do próprio Castro dos Ratinhos, se deve também o mérito de nova e decisiva chamada de atenção para este importante sítio arqueológico, nas vésperas de arranque do Projecto Arqueológico do Alqueva.

2. O Projecto do Alqueva e o Castro dos Ratinhos

A circunstância de ter sido previamente reconhecida a importância arqueológica do “Outeiro dos Castelos”, por coincidência situado nas proximidades do sítio que veio a ser escolhido para implantação da Barragem do Alqueva¹⁵, terá garantido a preservação do Castro dos Ratinhos a quando do arranque das primeiras obras do Empreendimento (1976). A quando da retoma dos trabalhos de construção duas décadas depois, pese embora a referência aos “Ratinhos” nos vários estudos de impacto entretanto realizados, nenhuma especial medida de minimização lhe viria a ser consignada, uma vez que neste caso não eram previsíveis quaisquer impactos, como de facto se veio a verificar. No entanto e uma vez que o Plano de Trabalhos Arqueológicos do Alqueva para além das escavações de salvamento arqueológico das dezenas de sítios irremediavelmente ameaçados pela subida das águas, previa como medida compensatória, a possibilidade da futura valorização de sítios ou imóveis não afectados pela albufeira mas situados no seu entorno imediato (Silva, 1999), o “Castro dos Ratinhos”, pela sua especial posição estratégica, dominando a própria Barragem, apresentava-se como candidato óbvio a integrar tal medida. A oportunidade viria a surgir quando, após o fecho das comportas da Barragem em Fevereiro de 2002, a Administração da EDIA começou a considerar a hipótese de recuperação para fins turísticos de toda uma série de infra-estruturas existentes na envolvente do paredão e respectiva central hidroelétrica. A possibilidade de integração de um sítio arqueológico turisticamente visitável, no contexto do plano de reordenamento e aproveitamento

das excepcionais condições proporcionadas pela formação do novo plano de água, viria a merecer o interesse e o apoio daquela Empresa. Seguiu-se a constituição de uma equipa de arqueologia, co-dirigida cientificamente por ambos os autores e a elaboração de um plano de intervenção arqueológica submetido às entidades competentes, uma vez que, apesar do reconhecido potencial do povoado, quase tudo estava afinal por fazer¹⁶.

Do ponto de vista científico, os objectivos estabelecidos passavam pela escavação e documentação, ainda que parcial, de vestígios do *habitat* proto-histórico, incluindo a caracterização do típico sistema amuralhado destes povoados, que no caso dos Ratinhos para além de uma natural imponência parecia estar ainda razoavelmente conservado. Naturalmente, seria dada especial atenção à análise do desenvolvimento diacrónico das formas de *habitat* ao longo do período cronológico abrangido pela ocupação do sítio, relacionando-se a informação obtida com os modelos de povoamento da região. Neste âmbito, os dados dos Ratinhos ganhavam especial relevância dada a sua localização num território de intersecção entre o Guadiana e os dois afluentes vizinhos, Ardila e Degebe, integrando uma região especialmente destacada pelos frequentes e valiosos achados (armas e jóias) atribuídos à primeira metade do I Milénio a.C. Já no que respeita aos objectivos patrimoniais, pretendia-se a recuperação e eventual musealização de estruturas arquitectónicas do povoado, nomeadamente das respectivas muralhas, visando a organização de um percurso de interpretação do próprio sítio, tirando partido do excepcional panorama que do mesmo se desfruta. Em última análise, esperava-se que o Castro dos Ratinhos, enquanto recurso turístico-cultural de primeira grandeza, se viesse a afirmar como referência obrigatória da importância das terras do Concelho de Moura durante o período da Proto-história e, dado o seu posicionamento em relação ao Regolfo de Alqueva, se constituísse como lugar simbólico relacionado com todo o trabalho de investigação arqueológica desenvolvido no âmbito do projecto de Alqueva.

Para atingir tais objectivos, o plano preconizava a realização de, pelo menos, quatro grandes campanhas de trabalhos de campo. As primeiras essencialmente destinadas à execução de sondagens de reconhecimento e as últimas à escavação em área, em função dos resultados entretanto obtidos. Para além das equipas de arqueologia propriamente ditas, integrando arqueólogos, técnicos e estudantes universitários portugueses e espanhóis, as componentes de análise seriam apoiadas, pontualmente, por especialistas em domínios científicos específicos. Paralelamente, acompanhando o reconhecimento do terreno, iria sendo executado um detalhado levantamento topográfico de todo o sítio arqueológico (Fig.2), desde logo em apoio directo às necessidades de referencia-

15 - Precisamente no local onde o Guadiana vence no seu limite Este, a série de colinas que formam a Serra de Portel e que, conjuntamente com a chamada “Falha da Vidigueira” configuram importante acidente geomorfológico que divide transversalmente o Alentejo.

16 - O projecto tem sido apoiado apoiado financeiramente pela EDIA, mas conta também com a colaboração do IPPAR, da Câmara Municipal de Moura e, mais recentemente, pelo Ministerio de Cultura de Espanha.

ção das intervenções do presente projecto mas pensando também na criação de uma rigorosa base cartográfica para o futuro. Finalmente, tendo em conta os objectivos patrimoniais, as escavações seriam acompanhadas desde o início por um técnico de conservação e restauro (Fig.4).

Ainda que o desenvolvimento do plano de sondagens nas duas primeiras campanhas (2004 e 2005) tenha sido limitado nas respectivas opções por dificuldades de acesso a terrenos privados onde se situa grande parte do Castro dos Ratinhos¹⁷, numa maneira geral o programa de trabalhos tem vindo a ser cumprido com resultados que julgamos muito interessantes e que, na sua componente científica daremos notícia adiante. Do ponto de vista patrimonial, a campanha de 2006 proporcionou a oportunidade para trabalhos de consolidação e algum restauro no sector da “muralla Norte” (3ª Linha), que, conjuntamente com o “fosso” associado, deverá constituir um dos núcleos visitáveis do sítio arqueológico. No entanto, julgamos que a possibilidade de concretização de uma 4ª campanha (2007) tal como planeado, permitirá finalmente atingir um patamar de concretização de objectivos, quer no âmbito científico quer patrimonial, suficiente para que o local possa começar a ser objecto de visitas, em condições a estabelecer. Para esse efeito, a musealização do núcleo da muralha do Norte (3ª Linha, do Bronze Final) e das estruturas da “acrópole” (Ferro Inicial), associada à sinalização de um percurso pedonal de acesso e circulação, com elevado interesse panorâmico, constituirão condições prévias obrigatórias que será ainda necessário garantir.

3. O Castro dos Ratinhos, os novos dados arqueológicos

O Castro ocupa o cimo de uma colina aplanada, estruturada em três plataformas, apresentando encostas escarpadas sobre um pronunciado meandro do Guadiana, estrategicamente localizado entre as embocaduras do Degebe, a Norte, e do Ardila, a Sul. As suas vertentes apresentam-se modeladas em taludes sucessivos que denunciam importantes estruturas defensivas. À primeira vista, o povoado parecia ocupar apenas as duas plataformas superiores com uma extensão próxima dos 2 *ha* (17000 m²). Porém, análise mais atenta permitiu identificar troços de outras linhas exteriores que se desdobram pelas encostas de uma terceira e mais ampla plataforma, orientada a Sudoeste, ampliando a superfície de ocupação potencial para áreas próximas dos 5 *ha*. Para além disso, as prospecções confirmaram também que as muralhas, taludes e fossos, reflectem uma complexidade planimétrica notável. As duas plataformas superiores encontram-se delimitadas por linhas próprias de muralha (“Linha 1” da “acrópole” e “Linha 2”) e estão, por sua vez, unidas por um talude interior de conexão. Delimitando por completo este conjunto de estruturas, existe uma terceira linha amu-

ralhada, a melhor e mais completamente definida, que contorna os referidos 17000 m² e se encontra precedida, pelo menos no seu flanco Norte, por um grande fosso, actualmente colmatado. Uma possível quarta linha amuralhada, denunciada pela fotografia aérea, foi procurada com sondagens efectuadas na encosta Norte mas com resultados nulos. No entanto diversos vestígios permitem confirmar a existência desta quarta linha noutros sectores do perímetro do Castro, nomeadamente na vertente Ocidental, onde foi cortada por um caminho de acesso a uma “antena” da Barragem, ou em duas plataformas que acompanham, numa cota sensivelmente mais baixa uma linha de água na vertente Sudoeste, onde a muralha aflora à superfície. Esta zona poderia corresponder ao antigo acesso do povoado ao Rio Guadiana, funcionando nesse caso ambas as plataformas como “bastiões” de defesa avançada.

O sistema defensivo deste povoado apresenta-se, de facto, com uma complexidade algo inesperada tendo em conta o conhecimento actualmente disponível sobre estas antigas muralhas no território peninsular. É certo que outros povoados contemporâneos indicavam já a tendência para a ocupação de lugares de orografia sinuosa, como colinas e cerros de encostas escarpadas condicionando fortemente o espaço de ocupação e facilitando a construção de muralhas. Faltava, no entanto, a realização de escavações de alguma dimensão que permitisse detectar e confirmar a complexidade agora registada (p.e. em Coroa do Frade, Outeiro do Circo, Passo Alto: Soares 1986 e 2005; Parreira 2001: 272; Berrocal-Rangel 2003). Inclusive, a atribuição destas muralhas ao Bronze Final era questionável dada a ausência de povoados amuralhados posteriores ou à falta de paralelos contemporâneos no Baixo Guadalquivir, antes de finais do Século VIII a.C. (Escacena, 2005: 198; Escacena e Fernández Troncoso 2002: 118-119). Em todo o caso, não estava claramente demonstrada a sua associação com as ocupações do Bronze Final, podendo eventualmente corresponder a ocupações posteriores, já que em todos estes sítios arqueológicos foram recolhidos materiais pré-romanos ou romano-republicanos (Berrocal-Rangel 1992: 317; Mataloto, 1999). Por outro lado, muralhas com a complexidade revelada nos Ratinhos só eram conhecidas a partir da IIª Idade do Ferro nunca parecendo atingir datas anteriores ao Século VII (Soares 1986; Almagro-Gorbea e Martín 1994: 112-114). Acontece que neste castro e até ao momento, as escavações não confirmaram nenhuma presença posterior ao Século VII a.C., excluindo vestígios esporádicos de época moderna, estando também suficientemente comprovada a datação destas muralhas entre os Séculos XI e VIII. De facto e em termos gerais podemos actualmente afirmar que a ocupação do Castro se verifica, durante duas grandes fases encaixadas entre os Séculos XI e VII a.C., cada uma com várias sequências que necessitam ainda de ser melhor caracterizadas pelo desenvolvimento da pesquisa. Não obstante, podemos sin-

17 - Problema que viria a ser parcialmente ultrapassado no final de 2005, com a aquisição pela EDIA da parcela que integrava uma parte significativa do Castro.

tetizar desde já os dados disponíveis:

Fases 1a e 1b, Idade do Ferro Antigo (Séc. VIII – 1^a ½ Séc. VII a. C.): Verifica-se a presença de um povoado amuralhado na “acrópole”, com duas linhas superiores e uma extensão exterior desenvolvendo-se sobre a terceira plataforma e respectivas encostas. Na primeira muralha, no seu tramo Nascente, registou-se a ocorrência de “pedras vitrificadas” certamente associadas a um nível de incêndio e destruição que pode marcar o abandono do povoado. As construções já detectadas no interior e correspondentes à “Fase 1a” na “acrópole”, mostram por sua vez fundações e soco de pedra bem como uma planimetria ortogonal especialmente regular. Os materiais associados, incluem cerâmicas “a torno” de feição fenícia, não muito abundantes mas de grande significado pela sua presença (pastas anfóricas, verniz vermelho, pratos de aba larga...), pequenas peças de bronze como um par de fíbulas de dupla mola e um excepcional conjunto de sete botões de ouro aparecido durante a recente campanha de 2006 (Fig.7). A sua tipologia aponta para relações com o Mundo atlântico e centro-europeu, mas o fabrico que inclui repuxados, entrelaçados e decoração em filigrana, demonstra uma inegável marca fenícia¹⁸.

A terceira linha de muralha, que abarca a segunda plataforma, encontrava-se já abandonada nestas fases, pelo menos na zona já escavada do flanco Norte. Neste tramo, a muralha encontra-se sob os restos de construções de planta paralelepípeda e o fosso aparece colmatado por lajes cuja disposição aponta para a sua possível reutilização como caminho “pavimentado” (Fase 1b). Estas estruturas são construídas nesta linha sobre uma camada, Ila, de terra esverdeada que serviu de aterro às ruínas da anterior ocupação. Amostras radiocarbónicas sobre madeira e osso, de dois locais diferentes da mesma camada, proporcionaram as datas de 2530 ± 80 e 2500 ± 50, a dois sigmas (95, 46 % de confiança), 806-477 cal BC; 474-413 cal BC; e 791-486 cal BC; 463-416 cal BC. Estas datas apontam para uma cronologia entre os Séculos VIII e VII a.C. como defenderemos adiante (p.e. em López Jiménez 2003: 139).

Fases 2a e 2b, Idade do Bronze Final (Séculos XI – VIII a. C.): diferenciam-se claramente das anteriores fases ao nível das estruturas, concretizando-se estas na construção da espessa muralha de “pedra seca” de xisto da terceira linha no flanco setentrional. Um apoio interior, em forma de “muro” de grandes lajes de xisto sobrepostas que se desenvolve em paralelo, define a Fase 2a frente à muralha em talude que aparece construída desde a base na Fase 2b. Esta muralha apresenta um paramento exterior de pequenas lajes e blocos de xisto encaixadas em talude, numa camada de terra compactada. O respectivo enchimento é formado por uma sucessão de camadas de pedra e terra, contida pelo interior por um alinhamento de grandes lajes planas fincadas. Pelo

exterior está precedida de um fosso escavado no substrato lítico, de 2 x 2 m e secção facetada complexa em “V”, cuja real extensão desconhecemos mas que deverá correr paralelo a este tramo Norte, ao longo de pelo menos duas centenas de metros.

A ausência de cerâmicas a torno, a presença de numerosas peças metálicas de bronze e de contas de quartzo hematóide, caracterizam estas fases que na “acrópole” também apresentavam muralhas e uma área de *habitat* definida por grandes cabanas de planta oval (Fig. 5 e 6) com fundações escavadas na rocha mãe e “buracos de poste” regularmente distribuídos. Alguns materiais especialmente significativos permitiram datar e associar estas fases com os circuitos comerciais que prosperavam ao longo do Atlântico e do Mediterrâneo ocidental no Bronze Final: uma “fibula de cotovelo”, juntamente com uma pinça de bronze e um fragmento de bracelete de marfim, foram encontrados entre as primeiras camadas de enchimento da muralha, permitindo atribuir a este conjunto de estruturas uma data posterior ao Século XI a.C., por comparação com a datação absoluta obtida para o conjunto de materiais semelhantes, pertencente ao enterramento do Bronze Final da Roça do Casal do Meio (Sesimbra, Estremadura). Por sua vez o seu abandono deve ter acontecido antes de finais do Século VIII a.C. tendo em conta o resultado das datações absolutas obtidas na camada Ila que se lhe sobrepõe. Esteve, portanto, em uso durante os Séculos X e IX a.C. a julgar pelos numerosos materiais associados, destacando-se entre estes um fragmento de molde de espada, do tipo “língua de carpa” alentejana, descoberto na “acrópole” (Fig.8) e cujos paralelos referendam estas datas (Coffyn 1985: 48 e Planche XXXVIII).

A maioria das cerâmicas, muito abundantes nestas fases, reflectem um panorama muito homogéneo ainda que dividido em dois grupos claramente distintos: um com numerosos vasos carenados e contentores com “ornatos brunidos”, de cozeduras redutoras e cores escuras, o outro, mais raro, incluindo ovalados, decorados com incisões, impressões, mamilos e outras técnicas decorativas em relevo, de cozedura oxidante que se traduz nas cores avermelhadas das respectivas pastas. Ambos os conjuntos apontam para um carácter indígena peninsular, mostrando os primeiros, relações com os restantes focos similares do Ocidente Peninsular (Lapa do Fumo, Alpiarça, Penha-Santa Luzia, Carambolo, San Pedro...: Parreira 2001: 269; Schubart 1971: fig.: 7.e-f e 1976: Mapa 38; Kalb 1995: 190-191; Cardoso 1995: 88-89 e 2000: 68 ss.; ; Guerra, Fabião e Senna-Martínez 1988; Kalb e Höck 1981-1982; Pérez Macías 1981: 232; Arnaud 1979: 73 ss.; Gamito 1990-92) e os segundos, relações com a fase Peña Negra I e II de Crevillente e outras contemporâneas da Meseta e do Levante espanhol (González Prats 1983: 105 ss.; 1990: 72; Barroso 2002: 152-153; Álvarez e Pérez Arron-

18 - O pequeno “tesouro” apareceu encaixado numa frincha aberta na rocha do substrato junto a uma laje intencionalmente aplanada, localizada no centro de uma das divisões de planta rectangular da “acrópole”. A afortunada recuperação de marcas de tecido conservadas na argila que estava aderente a um dos botões comprova que estavam cosidos ou envolvidos por um tecido de fina teia que poderia ser linho. Os detalhes do achado e o estudo do conjunto serão objecto de oportuno estudo específico.

do 1987; e nas Beiras: Vilaça 1995: 121, 158, 205-206.....). Esta periodização tem o inconveniente, por enquanto, de manter alguma ambiguidade entre o momento final das sequências da Idade do Bronze e o início da ocupação orientalizante que, em todo o caso, parece ser prematura e de curta duração. A “fronteira” cronológica de finais do Século VIII a. C. é apoiada pela análise ponderada dos resultados obtidos com as amostras radiocarbónicas SAC-1978 e SAC-1979, realizadas na campanha de 2004. Estas datas procedem da camada IIa, da sondagem A1, a partir de ossos, e da camada Ic, na sondagem A4 sobre carvões. Tratam-se de camadas em contacto, correspondendo à fundação e aterro do primeiro *habitat* orientalizante (IIa, Fase 1b) e à respectiva camada de construção e *habitat* (Ic, Fase 1b)¹⁹. A proximidade dos resultados, 2530 + 80 e 2500 + 50 ²⁰, avaliza as datações que reflectem concordância com a análise comparativa dos materiais, situadas em limites temporais entre finais do Século VIII e meados do Século VII a.C.. No entanto, poderia considerar-se mesmo uma data posterior, pois a chamada “catástrofe da Idade do Ferro” ²¹, permitiria aceitar, em calendário real, datas mais tardias. Face a tal contexto, acreditamos por fim que as camadas de fundação e construção das Fases 1a e 1b dos Ratinhos

seriam imediatamente posteriores aos níveis de ocupação de Cachouça, Quinta do Almaraz 1 e Rocha Branca 2, contemporâneas do Morro de Mezquitilla B2 e imediatamente anteriores a Santarém II e ao abandono de Chão Samartín BF (Arruda, 1999-2000 e Mederos, 2005; Vilaça e Basilio, 2000). Por isso advogamos uma data de finais do VIII e inícios do VII a.C. para este *interfacies*, datação que estendemos a esta Fase 1a, ainda que os materiais não permitam de momento supor que tenha tido um amplo desenvolvimento cronológico, de tal modo que poderíamos afirmar que o povoado dos Ratinhos foi abandonado em pleno Século VIII a.C., com uma estruturação interior do habitat que reflecte já, de forma inquestionável os contactos com as tradições construtivas do Mediterrâneo. ²². Assim sendo, o povoado teria sido ocupado por um breve período de tempo e a comparação com os materiais procedentes de sítios vizinhos, ocupados no Século VI a.C., como Azougada ou São Gens (Antunes, 2006; Mataloto 2004-b), permitem suspeitar que o Castro dos Ratinhos, apenas nos momentos finais da sua ocupação, terá sido contemporâneo daqueles, salvo se outros dados provenientes de futuras campanhas vierem demonstrar o contrário.



Fig. 1- Localização do Castro dos Ratinhos no Sudoeste Peninsular

- 19 - Ainda que neste caso se refira à camada de colmatção do fosso, ou seja, à produzida após o seu abandono.
 20 - A dois sigmas (95.4 % de probabilidade), 806-477 cal BC; 474-413 cal BC. para a primeira e 791-486 cal BC; 463-416 cal BC., para a segunda, obtidas pelo Laboratório de Radiocarbono do Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN) sob a supervisão do Eng. António Monge Soares.
 21 - A acumulação de classes de probabilidade entre 800 e 400 cal BC gera intervalos muito extensos de idade calibrada e, por consequência, uma inevitável perda de precisão para as datas deste período (Rubinos et alii, 1999).
 22 - Nesta linha de idéias, rectificamos a data da primeira metade do Século VI a.C. proposta para o abandono do Castro na sequência da primeira campanha de escavações de 2004 a qual tem de ser revista em antiguidade, o que é explicável pelo significativo aumento do espólio recolhido nas campanhas mais recentes (Silva e Berrocal-Rangel, 2005: 174-175).

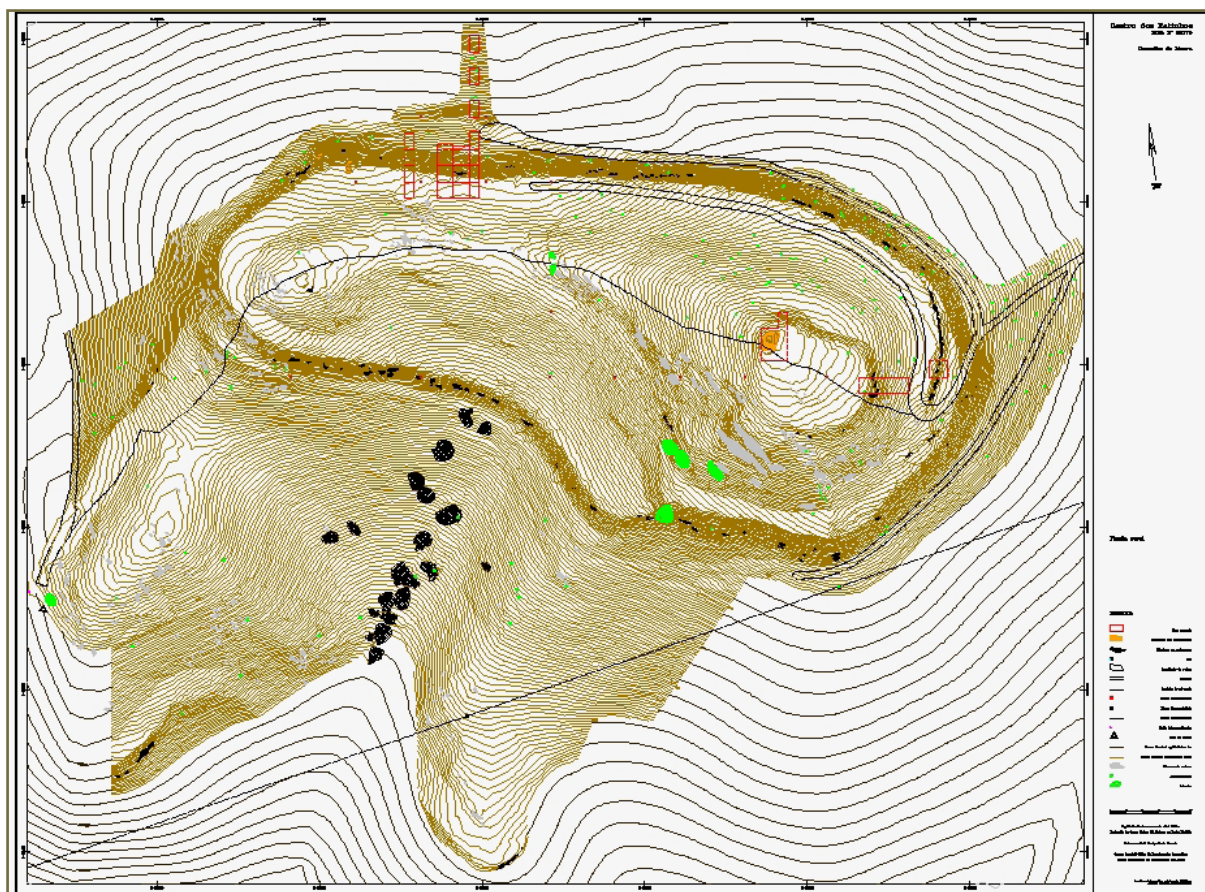


Fig.2 - Planta geral dos Ratinhos (a representação da 4ª linha da muralha, no Sector Sul, ainda muito incompleta), com a implantação das sondagens efectuadas na 3ª linha e na "acrópole"



Fig. 3 - Vista de Nascente, do Castro dos Ratinhos. Em destaque a "acrópole" e as sondagens nas linhas 1 e 2 da muralha.



Fig. 4. Trabalhos de conservação da muralha, vertente Norte, Linha 3.

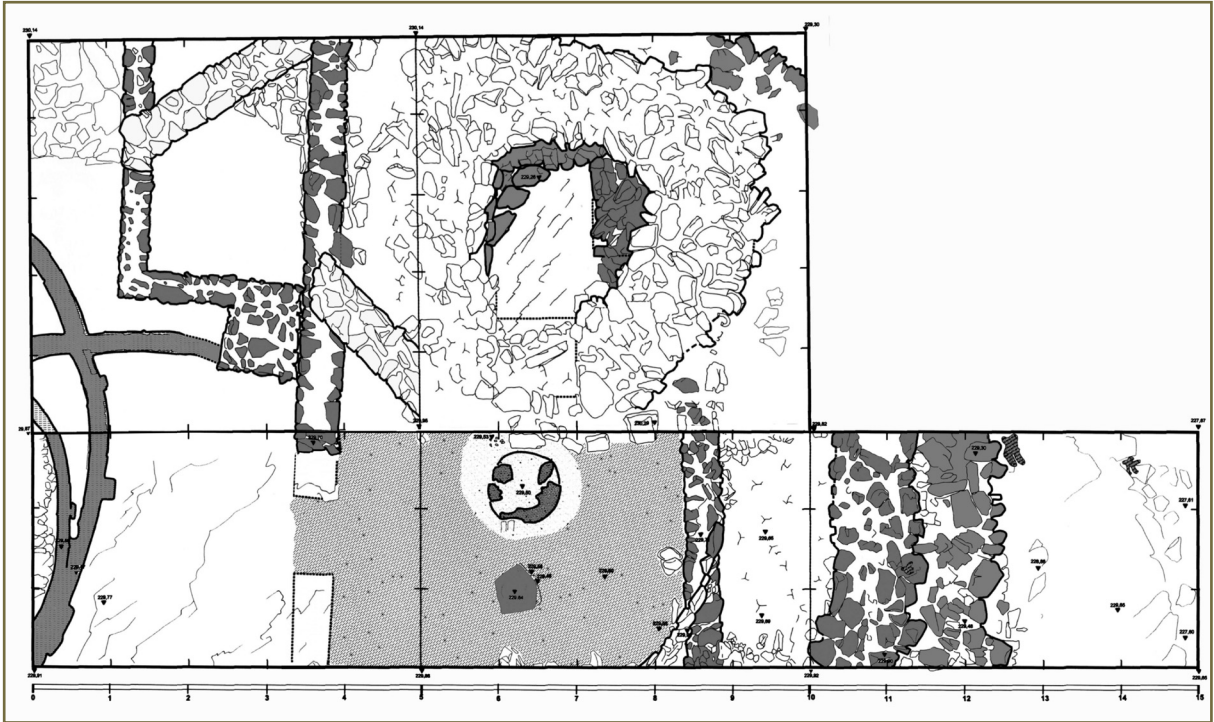


Fig.5 - Planta das estruturas da "acrópole": à esquerda as fundações das cabanas do Bronze Final, a que se sobrepõem as estruturas ortogonais do início da Idade do Ferro (a negro), além de estruturas mais recentes, eventualmente de cariz etnográfico.



Fig.6- Estruturas da "acrópole": em primeiro plano as fundações escavadas na rocha das cabanas do Bronze Final. Em segundo plano, muros de um edifício da Idade do Ferro a que se sobrepõem estruturas "modernas". (cf. com Planta da Fig. 5)



Fig. 7- Conjunto de botões de ouro dos Ratinhos, descobertos em associação com um fragmento de argila conservando impressão do tecido a que estiveram associados.



Fig. 8 - Fragmento de um molde de espada em arenito (CRAT/06/R1), eventualmente usado na fundição de espadas do Bronze Final, do tipo "em língua de carpa"

Bibliografia

- ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN BRAVO, A.M., 1994: "Medellín 1991. La ladera Norte del Cerro del Castillo.", en M. Almagro-Gorbea y A. M. Martín Bravo, eds., *Castros y oppida en Extremadura, Extra Complutum*, 4, Madrid, 77-127.
- ÁLVAREZ, P. Y PÉREZ ARRONDO, C. 1987: La cerámica excisa de la Primera Edad del Hierro en el valle Alto y Medio del Ebro., Logroño.
- ANTUNES, A. S. T. GANHÃO, 2005: *Castro da Azougada – Conjunto Cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ARNAUD, J. MORAIS, 1979: "Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora – Escavações de 1971-1972.", *MM*, 20: 56-99.
- ARRUDA, A. M. 1999-2000 [2002]: "Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y el sur de Portugal (siglos VIII – VI a.C.).", *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 5-6, Barcelona.
- BARROSO BERMEJO, R. M., 2002: *El Bronce Final y los comienzos de la Edad del Hierro en el Tajo Superior.*, Universidad de Alcalá de Henares.
- BERROCAL-RANGEL, L., 1992: *Los pueblos célticos del Suroeste peninsular.*, Serie Extra Complutum, 2, Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, L., 2003: "La expansión meridional de los chevaux-de-frise: los castros célticos del Suroeste.", *Coloquio Chevaux-de-frise i fortificació en la primera edat del ferro europea*, en N. Alonso, E. Junyent, A. Lafuente y J.B. López, eds., *Lleida*, pp. 209-232.
- CARDOSO, J.L., 1995: "As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo.", en VV.AA., *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, IPM, Lisboa: 88-89.
- CARDOSO, J.L., M.F. GUERRA, F. BRAGANÇA, 1992: O depósito do Bronze Final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português. *Mediterrâneo*, nº 1, Lisboa
- COFFYN, A., 1985: *Le Bronze Final Atlantique dans la Peninsule Iberique*. CNRS. Paris
- ESCACENA CARRASCO, J. L., 2005: "Darwin y Tartessos", en S. Celestino y J. Jiménez Ávila, eds., *El Período Orientalizante*, I: 189-220, CSIC, Mérida.
- ESCACENA CARRASCO, J. L.; FERNÁNDEZ TRONCOSO, G., 2002: "Tartessos fortificado.", *Fortificaciones en el Entorno del Bajo Guadalquivir* (Amores, ed.):109-134, Sevilla.
- FRANKENSTEIN, S., 1997: *Arqueología del Colonialismo, El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*. Crítica, Barcelona
- GAMITO, T. JÚDICE, 1990-92: "A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura).", *O Arqueólogo Português*, 8/10: 277-297.
- GONZÁLEZ PRATS, A. 1983: Estudio arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente (Alicante). *Anejo I de Lucentum*, Universida de Alicante.
- GUERRA, A., FABIÃO, C.; SENNA-MARTÍNEZ, J.C., 1988: "O Cabeço do Crasto de São Romão, Seia. Alguns resultados preliminares das campanhas 1(1985) a 3 (1987).", I Coloquio Arqueológico de Viesu (1988): 189-234.
- KALB, PH., 1995: "Alpiarça", en VV.AA., *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, IPM, Lisboa: 90-91.
- KALB, PH.; HÖCK, M., 1981-1982: "Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979.", *Portugalia*, II-III: 61-82.
- LIMA, J.F., 1960: Castro dos Ratinhos (Moura. Baixo Alentejo-Portugal). *Zephyrus*: 66-73, Salamanca
- LIMA, J.F., 1981: *Elementos Históricas e Arqueológicas do Concelho de Moura*. Compilação de João da Mouca, edição da C.M. de Moura
- LÓPEZ JIMÉNEZ, O., 2003: "Dataciones radiocarbónicas en la Protohistoria del Sudoeste de la Meseta Norte. Consideraciones para un trabajo por hacer.", *Trabajos de Prehistoria*, 60-2: 131-142.
- MATALOTO, R., 1999: "As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora).", *Revista de Guimarães (Actas do I Congresso de Proto-História Europeia)*, Guimarães, 333-362.
- MATALOTO, R., 2004: "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central).", *Revista Por-*

tuguesa de Arqueologia, 7-2: 139-173.

MEDEROS MARTÍN, A., 2005: "La cronología fenicia. Entre el Mediterráneo oriental y el occidental.", en S. Celestino y J. Jiménez Ávila, eds., *El Periodo Orientalizante*, Anejos AEspA, XXXV: 305- 346.

PÉREZ MACÍAS, J. A., 1981: "Introducción al Bronce Final en el Noroeste de la provincia de Huelva.", *Habis*, 12: 207-237, Sevilla.

SERRÃO, E.C., 1958: "Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos". *Zephyrus*, Salamanca.

SCHUBART, H., 1971: "Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y en el Oeste Peninsular.", *Trabajos de Prehistoria*, 28: 153-182.

SCHUBART, H., 1975 : *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: W. de Gruyter

SILVA, A.C., 1999: "Salvamento arqueológico no Guadiana", *Memórias d'Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 1, Beja.

SOARES, A. MONGE, 1986: "O povoado do Passo Alto. Escavações de 1984.", *Arquivo de Beja*, III, 2ª série, Beja, 89-99.

SOARES, A. MONGE, 2005: "Os povoados do Bronce Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana. Novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos.", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8.1: 111-145.

PARREIRA, R., 2001: "As arquitecturas como factor de construção da Paisagem na Idade do Bronze do Alentejo Interior.", in\ S. O. Jorge, ed., *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, *Trabalhos de Arqueologia*, 10: 267-273, Lisboa.

VILAÇA, R., 1995: *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze.*, 2 vols., *Trabalhos de Arqueologia*, 9, IPPAR, Lisboa.

VILAÇA, R.; BASÍLIO, L., 2000: "Contributo para a caracterização arqueológica da Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno de Cachouça.", *Almadan*, IIª-nº 9: 39-47.